

## Como tudo começou

Eu me chamo Sofia. Tenho onze anos e meio e, quando crescer, quero ser inútil.

Falei isso ontem na aula.

A professora insistiu em nos perguntar o que queríamos ser quando crescer. Jogadores de futebol, *youtubers*, *gamers*, médicos, astronautas... Duas colegas disseram que queriam ser professoras. E, quando chegou a minha vez, fui sincera:

— Eu quero ser inútil.

Todos riram. Caíram na gargalhada. E a Núria, a professora, ficou muito brava. Pensou que a minha intenção era tirar sarro dela, boicotar a aula ou coisa parecida. É claro que ninguém me entendeu. Por isso, na próxima semana temos hora marcada para



falar com a diretora da escola. E os meus pais vêm!  
Que horror.

Decidi escrever tudo sobre o assunto para pôr as ideias em ordem e assim, quando chegar o momento, poder me explicar melhor.

Acho que pelo menos será mais fácil se começar do início.

Eu gostaria de dizer que os meus pais são fantásticos.

Mas mentir não ajudaria nada.

Amo muito os meus pais, muito. Mas não cumpriram nenhuma das promessas que me fizeram quando viemos morar aqui, há quase dois anos.

Esta é a lista dos meus sonhos desfeitos:

- Uma cabana na árvore do jardim.
- Um cachorro.
- Um aquário de água doce.
- Passearmos os três juntos de bicicleta pelo menos uma vez por semana.
- Uma pequena piscina embaixo da parreira.

É sempre mais fácil falar do que fazer, eu sei. Mas posso garantir que não fizeram nenhuma, nenhuma das coisas que prometeram para me convencer da mudança.

Talvez seja melhor voltar ao começo e explicar onde é o “aqui”.

Aqui é o fim do mundo.

Onde Judas perdeu as botas, como dizia o meu avô.

Onde o vento faz a curva, como disse a minha avó aos meus pais, ao mesmo tempo triste e surpresa quando eles lhe confessaram os planos de fuga.

Agora vivemos em um vilarejo no fim de uma estrada estreita que sai da rodovia e percorre muitíssimos quilômetros através de campos e bosques, num ziguezague infinito. Não tem estação de trem. Nem rodoviária. Não tem um único semáforo. Nem cinema. Nem teatro. Não tem fibra ótica. No Natal, só acendem uma luzinha em forma de vela na rua principal.

A estrada acaba no vilarejo, no largo da igreja. É como se a escadaria fosse uma língua comprida e rugosa e a enorme porta da igreja uma grande boca

engolindo lentamente a estrada. Eu juraria que, aos domingos à tarde, se ouve o crepitar do asfalto avançando como uma geleira que vai derretendo.

Para sairmos do vilarejo só há duas possibilidades: voltar por onde entramos ou nos jogar no mar.





## **As coisas que perdi**

Ao sair da cidade, perdi um monte de coisas de que gostava muito.

Perdi os meus amigos. O Juan, a Elena, o Igor, a Maria... e a Nisrin! Sinto muito a falta deles. De vez em quando nós conversamos. Mas não há nada que substitua o convívio do dia a dia. Não sei. Não é só por querer estar com os meus amigos. É que sinto como se tivessem me roubado um futuro.

Perdi os meus primos. No último ano, só os vi uma vez. Antes, vivíamos muito perto. Embora não nos víssemos com frequência, tínhamos encontros espontâneos em alguns fins de semana. Um telefonema e era quase certo que eles apareciam lá em casa aos sábados, antes do almoço; comíamos juntos e a

coisa prolongava-se até o jantar. Quando isso acontecia, nos deixavam ver um filme enquanto comíamos pizza no sofá. Ficávamos acordados até tarde, e eles acabavam dormindo lá em casa. Acordar aos domingos com a confusão e as gargalhadas dos primos era sempre mais iluminado.

Perdi os meus cantinhos. A cafeteria chique onde tomávamos o café da manhã todos os sábados. A livraria onde às vezes passávamos horas a fio escolhendo um livro. O banco do parque onde a Nisrin e eu lanchávamos, exaustas depois de termos conquistado cem vezes o castelo de madeira. E, o meu preferido, o abraço do meu avô. Esse recanto perdi para sempre há um ano.

Além do meu avô, o que mais me dói ter perdido são os meus pais. Tenho tanta saudade deles...

Estou ficando triste. É melhor contar as coisas que ganhei antes de voltar aos meus pais.

